

RESENHAS DE LIVROS



Henrique Figueiredo Carneiro

AIDS. A NOVA DESRAZÃO DA HUMANIDADE

São Paulo, Ed. Escuta, 2000, 151p.

Mais um livro sobre *AIDS*, folhetim ou boletim informativo, recheado de números de óbitos, quantidades de portadores do HIV e previsões epidemiológicas do Ministério da Saúde? Não! Henrique Carneiro no seu livro *AIDS: a nova desrazão da humanidade*, nos oferece um olhar especial para a *AIDS* através de uma viagem pela história das enfermidades e a construção do rechaço dirigido aos que se enfermaram. Resgata, com uma escrita elegante e uma rica articulação de conceitos, um sentido para a desrazão vivida nos tempos da *AIDS*, tomando como construção deste saber os templos da Medicina, Religião e Filosofia.

Psicanalista, cearense, graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), possui um amplo e vasto percurso em atividades clínica e docente, tendo sido o fundador do Serviço de Psicologia do Hospital São José, marco para o Estado do Ceará, no tratamento de doenças infecciosas e referência para os pacientes de *AIDS*. Atualmente é Professor Titular, Coordenador do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Doutor em *Fundamentos y Desarrollos Psicoanalíticos* e Diretor do Logos Espaço Psicanálise.

AIDS, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, *GRID*, *Gay Related immmuno Deficiency* ou *Peste Rosa*. O nome por um momento parece distante da realidade de cada um, na medida em que o observador não se inclui dentro de um determinado espaço, seja pelos costumes, tradições, dietas ou condutas. Mas a *AIDS* cresce, avoluma-se, aproxima-se até atingir um parente ou um amigo; faz-se presente, convocando os edifícios do saber e mobilizando os pensamentos dos especialistas, não só nas áreas biológica e médica, mas também exigindo estudos históricos e culturais, para a compreensão das implicações que ela traz. A falta de saúde provocada pela *AIDS* e o fracasso de seu tratamento assustam e angustiam o humano, na medida em que o coloca diante de um saber não conhecido, onde a imunodeficiência como sintoma é o companheiro mais estranho, ao mesmo tempo em que é estrangeiro ao homem. É dessa forma que ela se apresenta como ameaçadora. É desse ponto que Henrique Carneiro inicia uma análise que envolve uma articulação psicanalítica sobre o peso que a palavra imunodeficiência joga no cenário social e individual.

O livro é, a meu ver, de extrema importância, pelo serviço que presta frente a escassez de conhecimentos disponíveis sobre a *AIDS*, quando se transita sobre o contexto cultural e histórico da enfermidade. Mostra que na busca de uma compreensão sobre as implicações relacionais, advindas com o aparecimento de uma nova doença, revela-se uma intrincada rede de desconhecimento do sujeito em relação a si e ao outro, bem identificada pelo autor no resgate do rechaço vivido em outras enfermidades que afetaram o homem ocidental. Neste sentido, o autor explora com densidade de conhecimentos, fruto de leituras e pesquisas em obras clássicas como *Fedón*, *Decamerón* e outros trabalhos de autores contemporâneos, uma arqueologia que ele chamou de *Escalada da desrazão*, situando algumas epidemias – como a Lepra, a Sífilis, a Peste Negra, a Tuberculose, o Câncer – dentro de um espaço do *não-saber*, com maestria. O autor faz uso de uma rede de metáforas e desdobramentos de conhecimentos que exemplificam as associações destas doenças ao rechaço desencadeado frente ao outro, localizado na imagem do corpo, na potência sexual ou internamente em algum órgão, como fundamento da desrazão.

Em seguida o autor propõe a caracterização da *AIDS* como uma enfermidade, privilegiando o conceito de dietética, como traço mais antigo da ética, que reaparece na contemporaneidade com um suporte de análise fundamental na compreensão do rechaço institucionalizado através da religião e da medicina. Este é um conceito de suma importância, pois *no mundo antigo resgata um papel fundamental que aparece com a conotação de arte de viver, um dado que na modernidade é perfeitamente equacionado pela categorias de falta e excesso* (p. 78). Baseado neste e em outros pares de opostos como saúde e doença, vida e morte, o autor vai constituindo o lugar de ideal do ser, ali onde ele inevitavelmente é um sujeito desejante e inserido em uma cultura, espaço em que os preceitos dietéticos que envolvem a *AIDS* são de ordem sexual; onde o rechaço e a condenação do humano são de ordens morais e dirigidos à conduta desaconselhada e proibitiva, destacando sua associação com pacientes de orientação homoerótica ou usuários de drogas. A partir da própria descrição e caracterização de categorias de grupos de exposição à contaminação com o HIV, divulgadas pelos boletins epidemiológicos, o autor associa uma série de itens constituintes do saber médico, religioso e filosófico, com a desrazão, com o estranhamento e com um espaço peculiar da loucura.

O texto é muito denso, com muitas referências teóricas que com certeza engrandecem o mundo da pesquisa e contempla a constante busca do saber com um legado. Mas sugere, além do desejo de conhecer, um despertar para uma releitura de obras clássicas, na tentativa de refazer o percurso construído pelo autor.

Cristiane Vasconcelos

Psicóloga Clínica e
Mestranda do Curso de Psicologia da UNIFOR

RESENHAS DE ARTIGOS

José Luiz Caon

SERENDIPIDADE, COMPARATISMO E TRANSDISCIPLINARIDADE DA PESQUISA PSICANALÍTICA: contribuição para o entendimento da formação de insocorridade humana numa experiência de situação-limite.

(Publicado em *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*, organizado por Raul Albino Pacheco Filho, Nelson Coelho Júnior e Miriam Debieux Rosa. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, 2000).

O artigo de José Luiz Caon traz uma série de elementos interessantes para quem transita no terreno das pesquisas psicanalítica e em psicanálise. Creio que o maior mérito reside nas dúvidas e discussões que o pesquisador em psicanálise enfrenta quando, sendo um psicanalista, se vê situado no campo da produção de saber no âmbito do discurso universitário. Digo isso porque essa foi uma discussão travada no curso de Método Psicanalítico de Pesquisa, que ora desenvolvo com os alunos do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

O artigo nos leva a refletir, por exemplo, que não há pesquisa psicanalítica e em psicanálise que não ratifique o aspecto da *insocorridade*, quando levamos em conta o objeto da nossa investigação. O sujeito, esse que engendra através dos fenômenos pesquisados no campo do social um problema que move o

pesquisador através do seu desejo, aparece na concepção do autor como uma referência à *serendipidade*, mostrando que assim como não há acaso em psicanálise, não haverá também descobertas surpresas no campo da pesquisa em psicanálise. O que vai existir é um resultado elaborado. Como tal, diferente da *suspeição* inicial que leva o autor a formular um problema de pesquisa.

Como método, o autor discute as referências à multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, ficando essa última como aquela que prestaria um melhor papel à pesquisa em psicanálise, na medida em que ela municia o pesquisador com o seu próprio objeto disciplinar, isto é, aquilo que pertence à sua própria área de (des)conhecimento e que o permite atravessar e manter um diálogo com outras disciplinas sem que sejam afetadas, pelo menos nesse momento, as construções de saber inerentes à essas disciplinas. No final dessa travessia realizada, nos afirma o autor que os efeitos do trabalho com a transdisciplinaridade resgata a possibilidade de reconstituir um novo problema para aquelas e outras disciplinas constituintes do saber vigente.

Finalmente, de posse de todas essas referências, o autor nos reapresenta o método comparativo, como uma autêntica peça que viabiliza um exercício de aproximação e distanciamento dos objetos tocados na travessia proposta pela transdisciplinaridade. Um método que permite uma *intensão* e uma *extensão*. Um exercício dentro e fora quando pensamos as cartografias do desejo do pesquisador psicanalítico e em psicanálise.

Henrique Figueiredo Carneiro